

# Pesca Submarina

Eram cerca das 15h quando saí ontem, na quinta-feira, do Estaleiro e fui ao barco... No caminho, vinha a família que tinha montado uma tenda ao lado do nosso Estaleiro a dizer “coitado, deve ir agora almoçar uma saladinha ou uma tosta, de certeza que é o que eles lhes dão aqui para comer...”. Tinha comido um grande robalo que a Mãe Rosa guardou para mim. Apetecia-me ter parado, ter olhado para trás e ter respondido que no barco onde estava a trabalhar como salva-vidas, os salva-vidas comiam muito bem e que eu tinha comido um grande robalo, mas que se quisesse podia ter comido uma salada ou uma tosta. Mas que não costumo pedir tosta ao almoço, porque peço sempre ao lanche, porque para além do almoço temos direito à famosa mega tosta acompanhada das deliciosas batatas com orégãos espalhados pela mãozinha mágica da Mãe Rosa que têm de pagar 10€ para comer... Mas obviamente que ignorei e continuei a andar como se não tivesse ouvido nada. Apareceu o Dom Simon, a sorrir com um ar mesmo lindo, mesmo de puto inocente, mesmo de puto fixe, a dizer o meu nome e a fechar a mão em punho para bater na minha num cumprimento muito fixe. Disse que ia ter com o pai dele, que estava a pescar no canal. Eu entrei no barco e o Dom Simon passou pelo barco junto a uns clientes que estavam dentro do barco a chamarem pelo nome do Dom Simon e a dizerem que era o filho do Príncipe das Pescas de Alto Mar que tinha pescado o peixe que estava em cima da mesa deles. Ainda perguntaram retoricamente onde é que o pai dele pescava os robalos, respondendo à retórica “é segredo, não é?...”

Eu não sabia que era o pai do Dom Simon o Príncipe das Pescas de Alto Mar do nosso barco. Ninguém me contou. Os que vinham atrás de mim, a dizer que o salva-vidas era “um coitadinho”, juntaram-se depois a eles. Vi só depois que eram a família que tinha montado a tenda ao lado do nosso Estaleiro. Sabia que eram amigos do Capitão, porque tinha ouvido o nome da Mulher do Capitão na conversa deles lá na praia quando estava com o Anjo Gabriel. Foi o vento tecnológico que me trouxe as palavras. Provavelmente eles nem se aperceberam que o vento estava a meu favor no jogo. A minha tecnologia é o vento. É o vento que me dá forças neste jogo. Quando voltei ao Estaleiro, ao passar pelo Mister Bali e depois de lhe ter dito que tinha visto o irmão dele “fez-se uma luz” na minha cabeça, em como não fazia sentido, em toda a personagem do Mister Bali, o Mister Bali não me ter contado que o pai dele era o Príncipe das Pescas de Alto Mar, com toda a intriga que o Mister Bali arranjava no nosso barco e que me queria ver arrastada nela. Não podia fazer sentido as coisas que ele dizia sendo filho de quem era. Obviamente que o pai dele, príncipe como era, era muito amigo do Capitão e se era amigo do Capitão, obviamente que o Capitão não podia dizer as coisas ao Mister Bali, da forma como o Mister Bali contava... A não ser que, o Mister Bali estivesse também ele no processo, mas num outro “processo maçónico” do Capitão e do pai dele e fosse um “iniciante”... Ou talvez, ainda nem tivesse iniciado e simplesmente estivesse “em família”...

Foi na terça-feira que conheci o Dom Simon. Estava em cima do Estaleiro com o Mr. Bali. Estavam duas raparigas de toalha estendida ao lado do nosso Estaleiro. Uma delas não parava de olhar para mim e eu, olhava para ela e vi-a a fazer histórias tecnológicas com o telefone e a apanhar-me a olhar para ela... Eu estava a olhar como sempre olho. Na água também “trocámos olhares”... Imaginava a cena se fosse com rapazes. Se fossem rapazes eu não estaria a olhar, mas imaginava que poderia estar a olhar e imaginava um outro filme em que os rapazes apanhavam a olhar para eles e riam-se a filmar com os telefones e via o Fred a receber filmes meus a olhar para os rapazes ou imaginava o sistema invisível de coisas a enviar mensagens ao Fred a dizer que “eu não estava ainda ready”... Imaginava-me também no corpo de um amigo meu heterossexual com namorada no processo e o processo a coletar informações dele e a ficar detentor de áudios a dizer “ya, foda-se, mas a gaja tem o cú fixe... Foda-se, eu se não tivesse namorada ia lá... E se calhar, até vou mesmo, que isto está a ficar agressivo, um gajo não é de ferro e a gaja está mesmo a pedir”... [LOL! “Um gajo não é de ferro”... Essa

expressão mata o meu espírito humano para “as coisas humanas”...] E imaginava depois a namorada a aparecer e a gaja à frente da namorada a mandar piadas a perguntar-lhe se já tinha dito à namorada que no outro dia não parava de olhar para ela, enfim... Vi vários cenários... O meu cérebro-realizador estava a trabalhar como sempre... É por isso que é muito importante não julgarmos ninguém pelos pensamentos ou “para onde estamos olhar”. Podemos estar a olhar e estar a ver outra “coisa” na nossa “fantasia”.

Eu posso estar a olhar para um cenário e a imaginar-me que vou morrer dentro do cenário e isso não quer dizer que eu tenha um “pensamento suicida”. Não tenho. Sou impossível de me suicidar. O suicídio está fora dos meus algoritmos. Não tenho pensamentos nem algoritmos suicidas. Como não tenho pensamentos nem algoritmos suicidas nem terroristas. Consigo imaginar o Dom Simon a pescar-me e o Fred a aparecer e a mandar-nos dois tiros. Não quer dizer que eu ache o Fred psicopata, nem quer dizer que eu ache o Dom Simon atraente ou que pense nele, nem quer dizer que tenho pensamentos de traição... Sou um simples realizador. Escrevo filmes todos os dias com os cenários que me dão. Exploro os cenários ao máximo. Experimento várias cenas numa realidade virtual aumentada com o meu cérebro tecnológico. Adoro o meu cérebro. Imaginei-me com uma cana de pesca a lançar do Estaleiro e a trazer a miúda toda excitada no isco. Imaginei o Afonso Côrte-Real, com os nossos 16 anos, vestido de salva-vidas, comigo no Estaleiro, também eu salva-vidas e eu a dizer-lhe para ele lançar a cana de pesca à Sara e vi a Sara a vir numa risota. E depois vi o Afonso no estaleiro com o Fred, os dois vestidos de salva-vidas e eu na toalha com a Sara e a não parar de olhar para o Fred e o Afonso e o Fred a gozarem comigo e a ouvir o Afonso a dizer para o Fred “que estava um maricas a olhar para ele” e via o Fred a lançar-me a cana e eu todo inocente a ir de isco e depois o Fred a gozar comigo a fazer-se de hétero, porque estava ao pé do amiguinho hétero, mas depois no final do dia, enquanto arrumava a prancha na casinha a chamar-me para dentro da casinha a perguntar se eu queria levar um beijo “já que não parava de olhar o dia todo”... E imaginava-nos putos a apaixonarmo-nos logo um pelo outro e eu completamente virgem ao colo do Fred... Enfim... Estava a experimentar cenários e cenas com o meu cérebro e estava feliz na minha secreta realização...

Faltava uma coisa às minhas cenas. Faltava uma cana de pesca. Olhei para trás e vi um puto com uma cana de pesca. Por causa do que tinha acabado de realizar com o meu cérebro eu não consegui parar de olhar para o puto e acompanhei-o no caminho até ao Estaleiro e de cima, sem o conhecer, disse-lhe olá como se o conhecesse, como se adivinhasse que fôssemos ficar amigos... Foi estranho, lembro-me de em segundos ter voltado à minha teoria sobre o cérebro inconsciente que tem um olho que consegue “sair” um bocadinho de si, como se “levitasse” e ver o que está ao redor, inclusive, ver o que está “atrás” e assim, “ver o que aí vem”... Seria a melhor teoria... O Dom Simon cumprimentou o Mister Bali com um “mekie, maricas?”. Com as miúdas ali a olharem para nós, o Dom Simon começou a brincar com a cana de pesca e eu disse para ele lançar a cana “a uma delas” e rimo-nos os 3. O Fred na sua personagem *dark side*, tinha dito que não havia ali peixes-aranha e que os dois betos com as cruzes ao peito tinham fingido ser picados por peixe-aranha só para eu me ajoelhar e adorar os pés deles, porque “estava escrito” que uma igreja iria enviar um grupo de 8 fiéis com já 2 triângulos feitos no grupo e que o terceiro triângulo teria de ser feito ali na praia astronomicamente com “o espírito de Cristo”. Perguntei ao Dom Simon se havia ali peixe-aranha e o Dom Simon disse que havia com muita fartura.

Quando o Dom Simon se foi embora, o Mister Bali disse-me que o Dom Simon era irmão dele. Disse-lhe que não pareciam irmãos, eram super diferentes. Não havia nenhuma semelhança. Para ser sincero, eram os irmãos mais diferentes que alguma vez eu tinha visto. Desconfio que não sejam irmãos. Não faz sentido. O Dom Simon tem sotaque da Ilha dos Piratas, o Mister Bali não tem... Falta-lhe o ar, falta-lhe o sotaque, não tem sotaque... Contou-me depois que o pai era pescador. Isto teve piada, porque eu lembro-me de ter acordado na terça-feira e no duche ter-me lembrado da poesia de Gil de Sales Giotto sobre os pensamentos e sobre os pescadores e de ter registado no meu caderno sagrado 9 perguntas antes de sair de casa: “Será que os meus surfistas vegetarianos vão deixar de me defender porque eu defendo os pescadores fixos que não deixam o lixo na praia e defendo a economia “azul” sustentável, inteligente e científica da pesca selvagem sem “fuga” às lotas

nacionais e que respeite o Rendimento Máximo Sustentável, não colocando em risco o potencial reprodutivo da espécie?”. “E será que eu posso olhar com empatia para um pescador “fechando os olhos” do peixe que pesca numa praia e vende ao nosso barco à beira-mar, isento dos seus direitos da “arte e paciência de pescar” desde que comunique depois rigorosamente à “doca-legal” para sabermos com rigor o stock disponível de peixe no mar?”. “Porque é que estou tão ligado às famílias de pescadores pobres se não tenho ninguém pescador na família e nunca namorei com um pescador?”.

“Será que a história dos von Der Maase ao contar *Ao Algoritmo do Amor* as pescas em Pirangi do Norte e do Sul deram uma nova inspiração de mundos paralelos *Ao Algoritmo do Amor*?”. “Será que num mundo paralelo d’*O Algoritmo do Amor* vejo um romance entre um salva-vidas e um pescador em que o Fred aparecia na minha praia a pescar(-me) vestido no seu fato submarino?”. “Será que vejo o futuro paralelo de eu e o Fred vivermos a bordo do nosso barco e alimentarmo-nos como golfinhos do nosso pescado?”. “Porque é que os meus surfistas não se ligam comigo nesta minha Internet das Coisas e veem comigo estas sagradas pescas?”. “Será que os meus surfistas estão mais ligados a esta Estranha Internet das Coisas daquilo que eu verdadeiramente penso no meu mundo cor-de-rosa onde vejo românticos pescadores a verem a pesca um pouco mais romantizada e poetizada, porque afinal somos românticos poetas portugueses ligados, sem querer, ao Mar Português de Fernando Pessoa?”. “Será que eu não terei razão em ver as pescas como sagradas e deixá-las em paz com os pescadores, com a chamada de atenção do lixo na praia e com a chamada de atenção das pescas não poderem ferir nem com um arranhão os animais sagrados do mar como as baleias, os golfinhos, os lobos-marinhos, os cavalos-marinhos, os ouriços do mar, as estrelas-do-mar, as mantas, os tubarões e os meros?”

Nessa mesmo terça-feira, vi o meu espírito a ligar-se estranhamente ao Dom Simon. E quando eu vi isto, tive de ouvir o Mister Bali a dizer que o Fred ia ter um trabalhão a desligar-me do espírito do Dom Simon, como se o Mister Bali tivesse mesmo conseguido hackear a minha mente, só para me “entregar” ao irmão dele. E como se isto não bastasse, perguntou-me com um grande ar de gozo se não seria um bom argumento um pescador pobre ter roubado *O Algoritmo do Amor* na Ilha dos Piratas, mesmo à frente de todos os piratas sem dar cana... O Dom Simon perguntou-me para que lado poderia pescar(-me). Disse que bastava ficar a 100 metros da concessão. E o Dom Simon disse que ali, na nossa praia, era fixe era pescar no cabeço que faziam ali umas correntes fixas que traziam bom peixe e perguntou se podia ir para lá. Eu respondi-lhe que o cabeço já pertencia à jurisdição dos outros salva-vidas e perguntei-lhe se ele os conhecia, porque era pessoal batido da ilha... Ele disse que não conhecia, mas que ia lá tentar falar com eles. Passado uns 5 minutos, vi o Dom Simon a brincar com a cana de pesca e a rir-se para mim, mesmo em frente ao Estaleiro. Virei-me para o Mister Bali e disse para ir dizer ao irmão dele que não podia estar a lançar a cana de pesca à frente da nossa praia, ainda por cima numa praia tão tecnológica como era a nossa, minada de piratas tecnológicos e armadilhas tecnológicas. Mesmo que nós soubéssemos que ele só estava a divertir-se sem fazer mal nenhum, disse-lhe que numa Sociedade de Informação Tecnológica mesquinha como a nossa, era muito fácil alguém filmar o Dom Simon com a cana de pesca e no mesmo filme filmar-nos “a não fazer nada” e a enviar-nos para os grupos de salva-vidas com “duras” e estúpidas críticas num estúpido crime tecnológico.

O Mister Bali foi lá parar a brincadeira do Dom Simon e vi como o Dom Simon parecia que se tinha “desapaixonado” por mim. E tive de lá ir falar com o Dom Simon que começou logo a rir-se quando me viu a justificar... E disse que percebia perfeitamente dizendo que ia bazar para outro spot. Mais tarde, voltei a pensar no Dom Simon e pedi ao Mister Bali que levasse as minhas desculpas e o Mister Bali começou-se a rir das horas que eram e mostrou-me uma mensagem do Dom Simon que dizia: “Se às 17h06 o Jaime pedir desculpas, diz-lhe que ele foi pescado por um pescador e dá-lhe o meu número”. Eram 17h09. O Mister Bali começou a dizer o número do irmão e eu disse para ele enviar uma mensagem ao irmão a dizer que ele tinha falhado a previsão, porque eram 17h09 e que, por isso, não queria o número do irmão dele para nada. Disse-o com um ar muito sério. O Mister Bali ficou à nora e disse como é que eu poderia estar a fugir da minha Internet das Coisas que

me ligava ao irmão dele. Eu disse que não havia Internet nenhuma entre mim e o irmão dele, porque a previsão tinha sido para as 17h06 e só aconteceu as 17h09 e que eu era muito rigoroso neste tipo de “questões astronómicas”. É claro que estava a gozar. Mas quis que eles pensassem que eu estava a ser muito sério. O Mister Bali disse que eu estava “demasiado calmo” para o “que tinha acontecido”. Disse que não era “normal” eu estar “a agir normalmente” depois da previsão e da coincidência. Eu continuei a dizer que a previsão estava errada e disse que a minha vida já era demasiado ligada e que muito sinceramente, não tinha tempo para pensar demasiado nas ligações. Estava habituado.

Confessei-lhe que todo o meu dia é ligado e que, para mim, torna-se cansativo se eu estiver sempre a pensar nas minhas ligações e que simplesmente aprendi a viver com elas. Tive de confessar. Mas depois arrependi-me da confissão que fiz ao Mister Bali. Senti os meus ouvidos a fecharem, como se me dissessem para esconder o meu espiritualismo ao Mister Bali... E ele perguntou-me qual é que era o significado “que eu pelo menos” retirava de toda aquela Estranha Internet das Coisas e eu disse que o significado que eu atribuí, era que o irmão dele era um puto fixe com um espírito fixe e que no futuro, talvez nos tornássemos grandes amigos. Fiquei só pelo espiritualismo do primeiro plano, dos “sinais” da vida real, das “ligações” que não passam de coincidências naturais de toda uma vida que é real. Sabia que tinha de ver a luz em silêncio. Havia um Código e não me podia esquecer do Código. Quando voltei ao Código, vi uma luz e os meus ouvidos voltaram a abrir-se.

Depois “da luz que se fez” na minha cabeça, resolvi ir espreitar o Dom Simon com o pai a pescar no canal. Passei pelo estaleiro do posto de vigia do Brunnös e batendo-lhe continência, pedi-lhe autorização para passar para o lado do canal e o Brunnös disse que só se eu fosse tirar “a merda” que estava na água à frente do nosso estaleiro é que podia passar para o canal. E perguntou-me o que é que era “aquela merda”. Simplesmente tinha-me esquecido que havia uma boia, desde manhã, à frente do nosso estaleiro. E disse-lhe com toda a inocência que não sabia o que era, achava que era uma boia de alguém ou para nada ou para sinalizar qualquer coisa, mas disse-lhe que quando voltasse ia lá buscar aquilo. E ele disse, fazendo uso, dos “sinais fraternos” para agarrar na prancha e ir lá buscar “aquilo”. Acatei “a ordem” e vi uma “prova” igualzinha àquela em que o São Valentim me tinha “lançado ao mar” na Praia dos Bodyboarders na “Ilha” dos Lobos-Marinheiros, sem prancha, sem nada, num mar “que era uma bruteza” e que proibia a entrada sem prancha, em que tinha de ir dar a volta ao rochedo enfiado no “alto mar” e voltar com a boleia das ondas, se conseguisse fazer do meu corpo uma própria prancha. Isto teve piada porque de manhã, enquanto escrevia as 9 perguntas sobre a pesca no meu caderno sagrado, lembrei-me desta “prova impossível”, porque apesar de ter sido ordenada pelo São Valentim, fiquei sem perceber quem é que tinha instruído o São Valentim; se tinham sido os lobos-marinheiros, os bodyboarders da Internet do São Valentim, os surfistas da Internet do São Valentim, os fuzileiros da Internet do São Valentim ou os pescadores daquelas águas.

Eram muitas internets na Praia dos Bodyboarders. Mas eu só estava ligada à Internet dos lobos-marinheiros que surfavam bodyboard como *heavy locals*. Na altura, não vi as “maçonarias” a disputarem-me. Não vi como é que uma maçonaria queria expulsar-me da Praia dos Bodyboarders. Quer dizer, vi. Mas não vi “a maçonaria”. Não vi a maçonaria, porque havia uma outra maçonaria muito mais poderosa a defender-me! E vi depois, as maçonarias invisivelmente a formarem uma nova aliança por causa de mim. Eu sempre fui sincero. Sempre fui transparente. A minha “arma” foi simplesmente entregar o meu coração. Se eu não o entregasse, certamente seria expulso. Teria sido expulso da Ilha dos Lobos-Marinheiros, tal como teria sido morto na Ilha dos Piratas se eu não entregasse o meu coração aos piratas. O meu grande porquê, é como é que a minha maçonaria tem a coragem de me enviar para estas ilhas. Afinal, o que é que ela pretende? Ou será que uma maçonaria está a fazer um jogo comigo às ocultas da minha maçonaria? É por isso que estou a escrever? A minha escrita é um grito de socorro à minha maçonaria, porque a minha maçonaria é a única capaz de me tirar deste filme maçónico? Porque foi a minha maçonaria que me colocou neste filme maçónico? Socorro!!!!!! Tirem-me deste filme! Socorro!

Cheguei ao estaleiro e tive de ouvir o racismo a sair da boca do grupo que estava ao lado do nosso estaleiro, que dizia que “os pretos e os chineses deviam todos desaparecer”, mas num racismo completamente cronometrado, porque viam eu a chegar ao estaleiro e diziam aquilo a passar pelo estaleiro e a olhar para mim. «Epá, calem-se que o salva-vidas é preto e pode ouvir-nos e ainda vai dizer que somos racistas, que isto agora, como as coisas estão, já não se pode dizer nada...». Queria ter escrito isto em tempo real, quando o filme deu na praia, mas apareceu o “Afonso Côrte-Real” num corpo um pouco mais musculado, um pouco mais de braços e caparro e com uma farda da Polícia Marítima numa personagem que me tirou do estaleiro num mundo paralelo. Aquele personagem “era” o Afonso Côrte-Real, era o Afonsinho!!!! A voz, a cara, era a cara dele, mas num corpo mais musculado, parecia um clone do Afonso Côrte-Real, até as mãos e os pés eram iguais!... Parece que foram buscar “alguém” “igual” ao Afonso Côrte-Real para eu bater continência e só para cumprir a fantasia do Afonsinho que me perguntava o ano passado se eu este ano ia ser salva-vidas, porque tinha aberto o concurso para a Polícia Marítima e se ele entrasse eu ia ter de bater-lhe continência na praia segundo a Hierarquia do Jogo das Coisas. Isto para nós era a melhor fantasia de putos tornada realidade! Mas o Afonsinho teve de “abandonar” o processo para entrar “noutro processo”. Mas eu fiquei confuso. Isto é grave, na minha opinião. Eu ficar na dúvida se é ou não o meu melhor amigo, que é um primo direito meu, que é como se fosse na nossa brincadeira autorizada pela Sara e pelo Fred, o meu “segundo namorado”... Porque a cara é igual, os pés são iguais, as mãos são iguais, é como se eu descobrisse ao final deste tempo todo um “gémeo”, um “sósia”, um “clone”, um “ser alienígena”, “um militar alienígena” que é igual ao Afonso Côrte-Real. Ainda por cima, aparece com os olhos tecnológicos, com as lentes-cinema de 2080 de Antoine Canary-Wharf e eu tenho de estar caladinho, em silêncio, a cumprir esta Estranha Hierarquia das Coisas e a lembrar-me que neste filme maçónico, eu sou salva-vidas e tenho de “bater continência” à Polícia Marítima.

O Côrte-Real ligado à vida real e ao tempo real acorda-nos para a vida real e pergunta-nos no tom militar, há quanto tempo é que estava aquela boia de pesca submarina ali à frente da nossa praia. E o anjo Raphaël diz que a boia estava ali desde manhã, mas que não sabíamos de quem é que era. E o Côrte-Real a olhar para nós e a não acreditar no que estávamos a responder com tamanha alienigenidade manda um berro a manda um de nós imediatamente pegar na prancha e ir lá ver se estava um morto debaixo da boia. Caiu-me tudo. Um morto???????????? Um morto????? Como assim, um morto????? E o Afonso Côrte-Real numa voz completamente militarizada dizia-nos que aquilo era uma boia de pesca submarina e que não era normal estar ali desde manhã, porque ninguém deixa uma boia de pesca submarina e vai-se embora e mandou um de nós pegar na prancha e ir buscar a boia, porque a boia ali seria um perigo, porque tinha um arpão e podia estar um morto debaixo da água. Seria uma prova impossível para mim. O anjo Raphaël, assim que me viu a calçar os pés de pato e a despir a camisola e a escolher erradamente o meio – estava a pegar no cinto de salvamento e não na prancha – o anjo Raphaël percebeu a minha mensagem de “SOS, eu não vou conseguir fazer esta prova” e num Código de Silêncio nosso, pegou na prancha e assumiu o comando.

Eu não fazia ideia do que era um “arpão”. Aquilo era uma armadilha que tinha sido feita mesmo à nossa frente e nós nem nos apercebemos de nada. Se fosse eu, teria ficado “com o pé na argola”, porque eu nunca tinha visto aquilo e debaixo de água com as algas, eu não conseguiria ver o arpão e trazer a boia, com o arpão mais a corda toda sem uma prancha ainda por cima... Eu teria “falhado” a prova impossível. No entanto, eu e o anjo Raphaël éramos uma equipa o que queria dizer que se um conseguisse trazer, era como se os dois tivéssemos conseguido passar na “prova impossível”. Vi depois com os meus olhos a armadilha. E vi o Raphaël a sair da água com uma extraordinária calma angelical, depois de ter passado uma prova de fogo debaixo de água, numa desgraçada apneia em que teve de desarmadilhar sem ficar com as mãos presas na armadilha. Eu vi-me a ficar em pânico preso a uma armadilha com um total desconhecimento. Depois de nos ter mostrado a armadilha e nos ter explicado como funcionava, perguntei-lhe o nome. Ficou a pensar. Olhou para a chapinha de metal que trazia ao peito e que dizia “Côrte-Real” e disse-me primeiro Côrte-Real. Depois, olhou-me através do espírito e disse-me que podia chamar-lhe Afonso. Tive para dizer que o meu melhor amigo e primo direito tinha o mesmo nome e era igual a ele e que teve para entrar na Polícia Marítima, mas fiquei calado, só queria

era sair do filme. É que eu tinha sido enviado para a Ilha dos Piratas, eu sei lá se o Afonso, o Afonso “verdadeiro”, não tinha “crescido” de músculos e era ele, mas com outra voz, sei lá, noutra personagem... Enfim...

Agradei ao anjo Raphaël por nos ter salvo. Lembrei-me depois que não podia haver morto nenhum, porque aquela boia submarina era de um dos do grupo que tinha montado a tenda ao lado do nosso Estaleiro e eles estavam todos a almoçar no barco do Capitão... Instalou-se uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Será que o Capitão me queria matar? Mas porquê? Será que a Mulher do Capitão secretamente enviou uma mensagem maçónica ao anjo Raphaël a dizer que «6.6.S.O.S.I.O.T:9 O Jaime não pode ir buscar a boia, porque é uma armadilha do O'Neill». É que eu vi isto, quando vi o anjo Raphaël a revirar os olhos encarnados como se se tivesse a ligar a uma Internet ainda mais invisível do que eu pensava, mas que a Inteligência Artificial que tinha sido instalada em mim conseguia intercetar, hackear, a mensagem telepática...? Isto faz algum sentido?????? Isto é espiritual, se quer? É que eu só vejo isto “tecnológico”... Não vejo nenhuma “espiritualidade”, nenhuma sobrenaturalidade nisto... Será que se eu fosse, como o pirata Brünnos e o Côte-Real me tinham mandado, eu iria afogar-me na armadilha? Terá sido a Mulher do Capitão que salvou *O Algoritmo do Amor*, porque tinha nas suas mãos o meu *Curriculum Vitae*, os meus algoritmos, as minhas *skills*, tinha *O Algoritmo do Amor* nas mãos e sabia que eu ainda não tinha as *skills* da pesca submarina? Mas porque é que instintivamente pensei na Mulher do Capitão? Porque é que não poderia ser o próprio Côte-Real? E se a minha maçonaria tivesse hackeado a Polícia Marítima e a Polícia Marítima tivesse secretamente connosco? E se o Côte-Real fosse também ele ali um anjo? É que aquele era o espírito do Afonso... E se o Côte-Real e o anjo Raphaël fossem dois soldados do exército de Cristo e vissem uma cristandade em mim? E se simplesmente tivesse sido o Brünnos a enviar a mensagem ao Raphaël, porque tinha hackeado o barco do Capitão e sabia do plano da maçonaria do Capitão?

Sem medos, virei-me para o Raphaël e pronunciei «6.6.S.O.S.I.O.T:9 O Jaime não pode ir buscar a boia, porque é uma armadilha do O'Neill». Vi os olhos do anjo outra vez a ficarem encarnados num estranho vampirismo. Perguntei-lhe quem era o O'Neill. Respondeu-me que estava a fazer uma pergunta proibida, porque ele não tinha uma resposta e que não poderia voltar a pronunciar a numerologia uma terceira vez. Eu perguntei-lhe quem é que lhe tinha enviado a mensagem. O anjo passou-se completamente e disse para eu parar de fazer perguntas proibidas, porque ele não tinha uma resposta e eu não podia voltar a fazer perguntas para as quais ele não tinha resposta porque estava a matá-lo. Não percebi nada, mas não quis perceber. Foi estranho. Foi “demoníaco”. Mas não foi assustador, eu não me assustei. Foi estranho. Voltei ao início do processo, quando vi o Fred com o “facalhão” encostado ao meu pescoço e com uma “voz e espírito” do “outro mundo”. Perguntou-me se eu ainda tinha a 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição d'*O Algoritmo do Amor* ou se já tinha entregue ao Jupiter Editions Museum... Eu disse-lhe que tinha comigo. Disse-me que tinha visto umas mãos masculinas a abrir na página 563. Enquanto lhe passava “o manual de sobrevivência” do nosso filme maçónico, disse-me que esta armadilha vinha encomendada de uma outra ilha a 966km... Abrimos e estava lá o nome da ilha, a ilha que ligava toda esta Internet das Coisas, a ilha para onde o meu pai me tinha enviado num dissimulado triângulo com o tio Vasco Castelão e com o Xico Castelão que escondia por detrás um verdadeiro e sagrado triângulo com o tio Domingos Côte-Real e com o Afonso Côte-Real. A página 563, denunciava que eu ainda não tinha as *skills* da pesca submarina e que por isso, afogar-me-ia na armadilha.

Afinal quem é que queria afogar *O Algoritmo do Amor* e quem é que quis salvar *O Algoritmo do Amor*? De manhã quando o grupo tirou as canas de pesca eu tive de lá ir dizer-lhes que tinham de se afastar mais 100 metros e lembro-me de um a dizer a brincar para eu não me preocupar que ele ia fazer caça submarina e lembro-me de vê-lo com a minha visão periférica a vestir o fato submarino, só que eu nem lhe liguei, porque eu estava a falar com outros dois que estavam com a cana de pesca e eles no grupo eram imensos e eu lembro-me de ter achado que essa resposta da “pesca submarina” era uma piada, sei lá... Eu não percebi mesmo, foi confuso e ignorei uma coisa importante que não podia ter ignorado. O que era suposto, o que vinha no guião se eu fosse

um salva-vidas-robot era informar que a pesca submarina não era permitida, impedindo-o de montar a armadilha à minha frente, mas não era nada disso que astronomicamente os astros diziam que eu iria fazer. O meu erro estava destinado, era um erro astronómico. Era um erro enviado pela própria entropia do Universo que queria causar um caos cerebral.

Como eu não impedi que a armadilha fosse montada, para mim mesmo à minha frente, o armadilhado foi-se depois embora para o barco, enviar a “mensagem maçónica” que “enviava” a Polícia Marítima que nos mandava ir desmontar a armadilha... E eu lembrava-me da Polícia Marítima n’O *Algoritmo do Amor*... Lembrava-me de como a Polícia Marítima tinha emprestado os binóculos a’O *Algoritmo do Amor* para conseguir ver como é que os von Der Maase iam no barco, amigos do Capitão... Afinal, de que lado é que estava a Polícia Marítima na Ilha dos Piratas? E de que lado é que estavam os fuzileiros da Autoridade Marítima na Ilha dos Piratas? A maçonaria seria a mesma? As forças sentir-se-iam da mesma forma, mesmo com a Polícia Marítima “por cima” da Autoridade Marítima? A Polícia Marítima foi-se embora e deixou a armadilha no nosso posto dizendo que quem viesse buscar a armadilha, para avisarmos que para a próxima seriam multados e levados ao Tribunal do Mar e das Pescas e que o material seria confiscado... Mas eu ouvi bem??? Tribunal do Mar e das Pescas??? Mas isso não é um tribunal alienígena de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi???? É que o Tribunal do Mar e das Pescas nem sequer existe na Terra... Ou já estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf? Ou foi só um *bug*, um erro do próprio filme? Posso ter percebido mal... Talvez tenha sido um “erro cognitivo”... Faria algum sentido os amigos da Mulher do Capitão montarem uma armadilha ao salva-vidas da Mulher do Capitão?

A minha maçonaria detetou o nono e último erro de pensamento durante todo o meu processo maçónico, disse-me o anjo Raphaël. E disse-me que os erros eram um sinal de que eu era um humano e não era um robot. Disse-me que era importante eu ter isto presente no momento atual do processo. Disse-me que eu tinha mesmo de ter os 9 erros de pensamento, porque isso provava que o implante cerebral que me tinha sido colocado não me “transformava” num robot e que não era por eu ter um implante cerebral que transmitia o meu pensamento em tempo real para um sistema informático que isso significava que eu fosse um androide ou um ciborgue. Não. Era um humano que se tinha esquecido de uma informação importante e processou mal a informação, interpretando o processo de forma diferente, mas que se esqueceu por causa do próprio processo. Mas a ideia era mesmo esta, era os passos maçónicos montados serem a tecnologia capaz de remover a própria memória das coisas. A minha maçonaria disse-me, através do anjo, que esta parte do processo tinha sido muito importante, porque tinha melhorado a minha memória e poder de concentração nas coisas, corrigindo o meu “défice de atenção” e os eventuais “erros cognitivos”. Supostamente eu gerava “erros cognitivos” por causa do meu “défice de atenção”. No entanto, como o meu cérebro era muito inteligente e ele próprio acabava por aperceber-se que tinha gerado erros, verificou-se que o meu cérebro conseguia depois aproveitar-se dos próprios erros, nunca os desperdiçando, transformando os erros em “algo muito valioso”, porque a partir deles conseguia produzir uma fita, um filme espetacular. Conclui-se que o próprio processo de escrita era beneficemente terapêutico para o próprio cérebro, porque auxiliava-o na própria construção do pensamento.

Disse-me o anjo, que era por isso, que eu estava neste processo psicológico cerebral e disse para eu ficar descansado que o implante seria retirado no final do processo. Disse que era muito importante eu corrigir o meu “défice de atenção”, que era um “défice de atenção” natural do meu “cérebro”, por ser uma rara “fonte criativa inesgotável”. Mas eu não fiquei descansado. Porque logo a seguir, a minha maçonaria perguntou-me se eu já tinha o argumento do filme e disse que eu tinha de entregar o argumento ao anjo Raphaël para podermos sair do filme. Disse que teríamos de “sacrificar” o meu corpo e metê-lo num caixão para sair da Ilha dos Piratas. Disse que o meu corpo sairia da Ilha dos Piratas dentro de um caixão a bordo de um barco de piratas. Muito sinceramente, não sei como é que querem que façamos o argumento com estes “novos algoritmos” que já mudaram o filme todo para um filme de terror. Como é que é suposto eu e o anjo Raphaël “sacrificarmos” o meu corpo? O que é que a maçonaria quer dizer com “sacrificar o meu corpo” e termos de “o meter num caixão”? Espero que isto seja a brincar... Espero que isto não passe de uma realização cinematográfica com

efeitos especiais... Onde é que estão os efeitos especiais? Quem é que os vais arranjar? A Jupiter Editions? Disseram que o anjo Raphaël era a Cura de Deus... Isto quer dizer que só vou chegar à cura através do Raphaël?

Cheguei a casa e recebo uma mensagem do São Valentim a perguntar se eu sabia que dia era hoje. Perguntei-lhe que dia era hoje. O São Valentim enviou-me o filme da minha “prova impossível” na Ilha dos Lobos-Marinheiros. No fim de ver o vídeo disse para apagar e para fazer um print com o vídeo apagado e enviá-lo se eu quisesse receber uma chamada dele. Eu fiz o que o São Valentim me mandou. Telefonou-me a perguntar se eu me lembrava que fazia exatamente um ano que quase deixava afogar *O Algoritmo do Amor* no mar gigante que era uma bruteza da Praia dos Bodyboarders... Eu respondi-lhe que se eu deixasse afogar, que ele lançar-se-ia logo às correntes marítimas para salvar *O Algoritmo do Amor* e que iria sempre trazê-lo para terra para o Fred com a sua Medicina toda atrás, iniciar as compressões torácicas do *Stayin’ Alive* e começámos os dois a cantar os Bee Gees feitos parvos e feito parvo o São Valentim começou a gozar completamente comigo e a perguntar se eu estava a dormir neste filme ou se estava a ver o filme todo ao contrário e para acordar para a vida, porque eu estava num filme do caralho mesmo fodido com anjos e o caralho, com vampiros, aliens, maçons e não sei mais o quê e bruxos que eram não sei o quê e para sair o mais rápido que pudesse do filme... Perguntou-me se eu estava a curtir o filme ou se queria que ele mandasse um dos fuzileiros dele tirar-me do filme... Eu ainda fiquei a pensar, porque lembrava-me dos anjos Thiagüs com quem tinha feito uma secreta aliança fora da Internet dos Surfistas, dos Fuzileiros e dos Salva-Vidas... Mas antes que eu respondesse o São Valentim no mesmo ar de gozo disse que se ele enviasse os fuzileiros para me tirarem do filme, que depois tinha era de acabar com um dos fuzileiros dele na cama e os fuzileiros dele fodiam bué para caralho e eu era capaz de não me aguentar... E eu mandei-lhe para o caralho, pela primeira vez, mandei-o para o caralho! E disse que sabia muito bem que ele era um soldadinho do Príncipe von Der Maase... E ele respondeu-me para eu não me esquecer do que eu estava dizer e que quem era o “Príncipe” era o irmão do Fred... Disse-me que o Fred era só um “duque” num jogo de cartas de piratas e marinheiros que curtem bué jogar a vida toda... Eu mandei-o outra vez para o caralho! E ele perguntou-me se eu já tinha as skills da pesca submarina... Disse que eu era capaz de precisar das skills para o próximo ano e eu mandei-lhe outra vez para o caralho!

24 de junho de 2021, *Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala*

# Pesca Submarina

Publicado pela **Jupiter Editions®**

em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 4 de setembro de 2021.